

13

Sexta-feira, 9 de outubro de 1987 — GAZETA MERCANTIL

**NPK+MICRO
ACO**

• **Materias Primas**

RECURSOS FLORESTAIS

Disseminam-se queimadas na Amazônia

por Anne Charters
do Financial Times

A primitiva agricultura de "derrubada e queimada", praticada até mesmo em áreas afastadas dos estados do Oeste do Brasil, além da fumaça, está provocando alarma.

Nuvens de fumaça de milhares de quilômetros são registradas por fotos de satélites do vasto território brasileiro recebidas pela estação coatora de São José dos Campos, a leste de São Paulo.

Aproveitando-se da informação livre fornecida pelos satélites meteorológicos dos Estados Unidos — números 9 e 10 —, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) iniciou neste ano pela primeira vez novos estudos sobre as condições atmosféricas que afetam o meio ambiente e o clima do continente sul-americano.

Incluída nessa coleta de dados está a alarmante descoberta de que vastas áreas estão sendo queimadas na região ocidental de Rondônia, perto da Bolívia, na parte norte do vizinho Estado de Mato Grosso, no sudoeste do Estado do Pará e, em grau limitado, no Estado do Acre, que faz fronteira com o Peru.

As descobertas de incêndios na parte ocidental da

bacia amazônica espantaram tanto os cientistas que foram marcadas algumas viagens para este mês de outubro a fim de investigar por que um total de 150 mil quilômetros quadrados, uma área equivalente à metade da Noruega, virou fumaça neste ano. As viagens destinam-se a avaliar até onde essas queimadas estão atingindo florestas virgens.

A bacia amazônica abrange 4,8 milhões de quilômetros quadrados, mas a área de florestas ainda virgens está ameaçada.

Albert Setzer, cientista que coordena o projeto sobre detecção de queimadas do INPE, disse que algumas das áreas queimadas não eram florestas virgens, mas pastos já queimados anteriormente.

"A seca deste ano estimulou as queimadas", disse Setzer. "Quando se trata de terras novas a serem limpas para o plantio, é mais barato usar uma caixa de fósforos do que alugar um trator para remover a vegetação."

O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), encarregado de controlar a vegetação natural do País, acompanha o definhamento da floresta amazônica com fotos de satélites desde 1968.

Com uma equipe extremamente precária, os dados mais recentes do IBDF sobre os milhões de hectares de vegetação natural destruída sofrem um atraso de quatro anos no tocante a muitos estados dessa área e estão desatualizados em nove anos em relação ao Estado do Amazonas.

Cirineo Jorge Lorense, engenheiro florestal do IBDF, disse que os boletins diários sobre as principais queimadas, recebidos do INPE, são retransmitidos a uma série de postos florestais isolados em cada estado com as coordenadas geográficas nas quais ocorrem as maiores queimadas para que possam ser investigadas. De acordo com o código florestal do Brasil, dependendo da topografia da terra, até 50% da vegetação natural deve ser preservada.

Essa é a teoria, mas a prática é muito diferente. Os estados do extremo Oeste estão recebendo milhares de migrantes que procuram terras e uma vida nova.

Orestes Muniz Filho, vice-governador de Rondônia, disse recentemente a um investidor potencial que 10 mil pessoas por mês estão chegando ao estado, pressionando gravemente a parca infra-estrutura existente. O estado não tem recursos para policiar as atividades desses migrantes.

Os que tentam cultivar a terra recorrem às queimadas para limpar a vegetação. Maza Katayama, agrônomo de Cotia, grande cooperativista com uma colônia agrícola em Mato Grosso, disse que dentro das cooperativas é proibido

fazer queimadas porque isso destrói a matéria orgânica do solo, mas que a prática é comum em outras propriedades porque fica mais barato.

Depois de queimar a vegetação, geralmente se planta arroz. A terra pode produzir safras durante dez anos, apesar dessa prática, mas para os filhos desses agricultores não sobrar mais terra fértil. Até agora, poucos agricultores ficaram preocupados com a produtividade porque a quantidade de terra não cultivada é muito grande.

Mesmo os que plantam alternadamente soja e trigo em Mato Grosso frequentemente queimam os restos culturais do trigo, em vez de revolvê-los para formar um adubo orgânico, a fim de ganhar tempo para uma segunda safra no mesmo ano. Se uma doença

ou inseto infesta a plantação, a queimada constitui um meio barato de erradicação.

"Isso não é correto, mas é comum", lamentou outro agrônomo de Cotia.

Proprietários de glebas, preocupados com a desapropriação de suas terras para a reforma agrária, queimam também vários hectares para mostrar que estão "aproveitando a terra" e algumas crianças queimam as terras para obrigar a saída das minhocas que são vendidas aos pescadores. A conscientização sobre os prejuízos das queimadas e as investigações para saber o que está sendo queimado provavelmente não modificarão os costumes dos agricultores, enquanto eles não tiverem outras alternativas ou não forem obrigados a pensar nas gerações futuras.